

VIII ENECIÊNCIAS 2024

A PESQUISA PEDE UMA LÍNGUA: APORTES DA POLÍTICA DE NARRATIVIDADE NO MÉTODO DA CARTOGRAFIA

Élida Santos Ribeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
elidasribeiro@gmail.com

Fernanda Antunes Gomes da Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
nandantunes80@gmail.com

RESUMO

Considerando o esvaziamento do valor e do cultivo da linguagem com o advento da ciência moderna – especialmente segundo as influências positivistas exigentes de neutralidade, universalidade, objetividade –, o presente texto visa a oferecer aportes da política de narrativa proposta pelo método da cartografia. Esta, em sua investitura nos procedimentos de desmontagem, em contraste com os de redundância, aparece como possibilidade de desinvestir os modelos hegemônicos da linguagem acadêmica e das escritas de pesquisa – desgastados em sua pressuposição de representarem um objeto. Consideramos ser crucial uma linguagem que possibilite outras formas de nomear, potencializando a adoção de teorias, interlocutoras(es), metodologias que desmontem a estrutura instrumentalizadora, informacional, *objetiva*, branca e masculina da escrita acadêmica. Buscamos semear escrituras inventivas, próprias, que agenciem mais do que reproduzam mundos.

Palavras-chave: políticas de narrativa, escrita, ciência moderna, linguagem acadêmica.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

PRENÚNCIO: A LÍNGUA E A PESQUISA

*O definível está me cansando um pouco. Prefiro a verdade
que há no prenúncio.*
(LISPECTOR, s/d, p. 37)

A lógica de descrever um mundo dado, a ser descoberto progressiva e linearmente, buscou afastar a “agência humana” da ciência, bem como todo vestígio de crença, de interesses políticos e de preferências individuais, devidamente confirmados pelo “uso da voz passiva e de outras tecnologias literárias” (GÓMEZ e RÍOS-OSORIO, 2014, p. 36). A ciência moderna, pretendendo representar o mundo *tal como ele é*, passa a *liberar-se* de crenças, afetos, interesses, paixões, inclinações, sendo a *realidade* confrontada o árbitro final para a validação das hipóteses (COSTA, 2021; GÓMEZ e RÍOS-OSORIO, 2014). Transitar do domínio dos fatos, fundamental para consolidar a ciência no passado, para o domínio das controvérsias e das questões de interesse (LATOURETTE, 2020) demanda desinvestir esse ideal purista de objetividade transcendente, em que a mente e o corpo são entidades apartadas, sendo a primeira independente do segundo (DESCARTES, 1996 [1636]; GÓMEZ e RÍOS-OSORIO, 2014; GROSFOGUEL, 2016).

Numa palavra, a ciência é o que se ensina. [...]

Para a ciência a linguagem não passa de um instrumento, que quer se tornar tão transparente, tão neutro quanto possível, submetido à matéria científica (operações, hipóteses, resultados) que, ao que se diz, há por um lado e *primeiro* os conteúdos da mensagem científica que são tudo; por outro lado e *depois*, a forma verbal que não é nada (BARTHES, 1988, p. 4-5, grifos no original).

O autor provoca ao dizer do esvaziamento do valor e da autonomia da linguagem com o advento da ciência moderna, visto que na Idade Média “atribuíam-se em repartição quase igualitária os segredos da palavra e os da natureza” (BARTHES, 1988, p. 5). Imputa ao estruturalismo, em suas classificações, ordenações e arranjos do conhecimento, parte

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



FAPERJ
Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

VIII ENECIÊNCIAS 2024

significativa da oposição entre literatura e ciência, cabendo a esta uma linguagem meramente instrumental, uma “linguagem escrava” (p. 8): como meio de um pensamento. Aprender com o que hoje se permite apenas ao texto literário potencializa abalar os conceitos acomodados, a começar pelo de “realidade”.

[...] só a escritura pode quebrar a imagem teológica imposta pela ciência, recusar o terror paterno espalhado pela “verdade” abusiva dos conteúdos e dos raciocínios, abrir para a pesquisa o espaço completo da linguagem, com as suas subversões lógicas, o amalgamar-se de seus códigos, com os seus deslizamentos, os seus diálogos, as suas paródias; só a escritura pode opor à segurança do cientista – na medida em que ela exprime a sua ciência – aquilo que Lautréamont chamava a “modéstia” do escritor (BARTHES, 1988, p. 10).

A pesquisadora e professora mexicana Sarah Corona Berkin (2019), a América Latina vive “uma crise epistemológica na medida em que velhos conceitos não nos servem para explicar novas realidades” (p. 23, livre tradução). A autora nos ajuda a pensar como conceitos advindos de vozes ocidentais, não obstante encrustados nas categorias de nossas pesquisas sociais, acabam por ser insuficientes ou incongruentes para significar acontecimentos, relações, singularidades em outros espaços e tempos.

Reconhecer nossas contingências, isto é, a produção de conhecimento desde nosso contexto, depende da linguagem. Para poder desmitificar a razão única e questionar a racionalidade eurocêntrica, é necessário transformar nossa postura e explorar a existência da diversidade das linguagens e suas múltiplas razões (CORONA BERKIN, 2019, p. 26-27, livre tradução).

A autora, ainda, recupera o conceito bakhtiniano de gêneros discursivos, tipos relativamente estáveis de enunciados, com suas abordagens, temas, métodos e estilos, mas que supõem a linguagem como um processo vivo, dinâmico, dialógico, polifônico, circunstancial. Assim, as pesquisas sociais e os textos científicos como seus porta-vozes são convidados a se pensarem epi e metalinguisticamente. A agência de um texto está diretamente atrelada à sua função social, seu potencial de comunicação e às *tendências*

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

VIII ENECIÊNCIAS 2024

conceituais subterrâneas (CORONA BERKIN, 2019) que carregam na escolhas de suas palavras, conceitos, narrativas. Nesse sentido, o presente texto visa a oferecer a política de narratividade proposta pelo método da cartografia como possibilidade de desinvestir os modelos hegemônicos de escritas de pesquisa – desgastados em sua pressuposição de representarem um objeto – semeando escrituras inventivas, próprias, que agenciem mais do que reproduzam mundos.

A POLÍTICA DE NARRATIVIDADE NO MÉTODO DA CARTOGRAFIA

Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona.
(LISPECTOR, s/d, p. 32)

Na perspectiva cartográfica de pesquisa, conhecer vai além de produzir representações sobre o mundo, requer implicar-se com o mesmo, *comprometendo-se com sua produção*. Apesar da aposta expressiva na experiência, não se define como pesquisa de base empírica, já que não atribui a chave para a produção do conhecimento à *realidade* : ela é produzida *na* experiência:

O método da cartografia não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção de realidade. O ato cognitivo – base experiencial de toda atividade de investigação – não pode ser considerado, nesta perspectiva, como desencarnado ou como exercício de abstração sobre dada realidade (ALVAREZ e PASSOS, 2015, p. 131).

A atitude de espreita da(o) *aprendiz-cartógrafa(o)* busca produzir uma *receptividade* no encontro com o que *não* se procura e não se sabe todavia. O método da cartografia (PASSOS e BENVENIDES, 2015) persegue abordagens polifônicas, que não privilegiem as vozes convenientes à direção que se deseja dar à pesquisa, aos seus conceitos e hipóteses preestabelecidas. Buscando desinvestir verdades universais, a pesquisa cartográfica não é dirigida por metas, essas não se sobrepõem à processualidade da

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

VIII ENECIÊNCIAS 2024

pesquisa e aos desdobramentos do território em questão. A atenção como atitude cognitiva, na cartografia, não deve se restringir às teorizações: além de adentrar a vida em atitude de espreita, buscando dissolver o ponto de vista fixo de observador, é também lembrar constantemente que se habita um território existencial, espesso e em movimentos – pressupõe, assim, uma certa forma de escrever, uma *política de narrativa*:

Escrever este texto nos obriga também – outra imposição do método cartográfico – à experimentação de um modo de dizer compatível com a problemática que nos mobiliza. A cartografia pressupõe uma política da narrativa que permita a dissolência das posições estanques geralmente associadas ao trabalho da pesquisa: aquele que conhece e aquilo que é conhecido (ALVAREZ e PASSOS, 2015, p. 132).

A narrativa se assume como política ao implicar a perspectiva tomada em relação ao mundo, o posicionamento frente às relações de poder – como escolhemos narrar o *acontecido* ou o que *nos acontece* (LARROSA, 2002). Ao desafiar a funcionalidade e a instrumentalidade engastadas na linguagem científica, a expressividade e a singularidade nas pesquisas cartográficas não se confundem com relatos autobiográficos ou com particularidades vazias de interesse científico. Dizendo com Alvarez e Passos (2015), a produção de diferença que se busca se dá por *ampliação*, não por especialização em distintos focos. Essa diferenciação não obedece à generalização: “o hábito, enquanto um processo de transformação de nossas sensibilidades e de nossas condutas, não se dirige do heterogêneo e singular para o homogêneo e geral; da conduta hesitante para a automática e reflexa; do particular para o universal.” (p. 141). Nesse sentido, não se tensiona estancar o que se diz como *casos particulares de sistemas gerais* (ALVAREZ e PASSOS, 2015).

A *política de narrativa*, uma das pistas do método da cartografia, coloca em contraste dois procedimentos narrativos: a redundância e a desmontagem. A redundância consiste em relatar o que parece abundar no campo e repetir casos similares a fim de reiterar uma ideia, clarificar os achados, tornando-os inquestionáveis, e conferindo-lhes unidade. Vislumbra-

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

VII ENECIÊNCIAS 2024

se destacar casos de um padrão, de um sistema geral afixado, interessando menos as fugas e os desvios.

As formas resultam dos jogos de forças e correspondem a coagulações, a conglomerados de vetores. A delimitação formal dos objetos do mundo resulta da lentificação e da redundância que a configuração das forças assume num momento dado. Ou seja, graças à provisória estabilização dos jogos de força somos convencidos da universalidade do mundo a nossa volta (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 94-95).

A redundância como política de narratividade, tributária do estruturalismo e do racionalismo moderno, tem habitado nossos discursos e o narrar de nossas pesquisas. O escritor uruguaio Eduardo Galeano nos brinda com uma alegoria:

O pastor Miguel Brun me contou que há alguns anos esteve com os índios do Chaco paraguaio. Ele formava parte de uma missão evangelizadora. Os missionários visitaram um cacique que tinha fama de ser muito sábio. O cacique [...] escutou sem pestanejar a propaganda religiosa que leram para ele na língua dos índios. Quando a leitura terminou, os missionários ficaram esperando.

O cacique levou um tempo. Depois, opinou:

— Você coça. E coça bastante, e coça muito bem. E sentenciou:

— Mas onde você coça não coça (GALEANO, 2017, p. 18).

Na política narrativa de desmontagem, “do caso extrai-se a agitação de microcasos como microlutas nele trazidas à cena. [...] O caso molar se moleculariza. Sua forma dá passagem às forças que o habitam.” (PASSOS e BENEVIDES, 2015, p. 161-162). No lugar de destilar, de purificar, multiplicam-se os sentidos, as forças moventes em múltiplas direções – a narrativa é problemática, assim como o campo – há coprodução de realidades no aqui e agora: existe algo que se move.

Um rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele se estratifica, territorializa, organiza, mas também compreende linhas de desterritorialização pelas quais foge sem parar. Isso não quer dizer que a ruptura necessariamente se liberte da dominação de um significante, da

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

formação de um sujeito. Tudo depende das organizações que reestratificam o novo (ou velho) conjunto (CAVALCANTI, 2018, p. 25).

O movimento e a produção, na experiência cartográfica, transitam em territorialização-desterritorialização. O plano das formas é aquele âmbito do já instituído e estabilizado, das leis, do previsível, das conceituações, das representações: “Também se incluem aí os objetos que acreditamos constituir a realidade: coisas e estados de coisa, com contornos definidos que lhes emprestam caráter constante e cujos limites parecem claramente distingui-los uns dos outros.” (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 94). Entrelaçado a esse, está o plano das forças moventes, das variações e fugas, dos desvios de rota, do imprevisível, das rupturas e descontinuidades, dos interstícios, da criação.

O procedimento narrativo de desmontagem, nesse sentido, busca desterritorializar, desestabilizar as formas e as certezas de um mundo universal, unívoco – objetivo, mensurável, constatável, previsível em perspicazes hipóteses científicas. Tem como características: o aumento do coeficiente de desterritorialização; a inserção da escritura no plano ético-político; e o agenciamento da enunciação que assume um caráter coletivo, a formação de um *comum*, “essa experiência coletiva em que qualquer um nela se engaja ou em que estamos engajados pelo que em nós é impessoal. Mesmo quando vivido, enunciado, protagonizado, emitido por uma singularidade, a narrativa não remete a um sujeito.” (PASSOS e BENEVIDES, 2015, p. 168). Esse potencial-agência de um texto busca, além de esgarçar os limites do acontecimento, ativar algo em quem entra em contato. Ao contrário de um texto asséptico, busca-se o contágio!

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

CONSIDERAÇÕES DESCONTÍNUAS

Ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça sair do mundo. De um lado, um idioma que nos crie raiz e lugar. Do outro, um idioma que nos faça ser asa e viagem. Ao lado de uma língua que nos faça ser humanidade, deve existir uma outra que nos eleve à condição de divindade.
(COUTO, 2011, p. 14)

Tendo em conta sua criação a partir das necessidades de dominação capitalista e colonial, Sarah Corona Berkin (2019) sublinha a crise do pensamento ocidental de maneira radical quando relaciona as maneiras estabelecidas na investigação social, sua inscrição nos textos acadêmicos e as categorias utilizadas para representar os fenômenos sociais passam a limitar *o que podemos pensar*. Todo conhecimento deve convergir para os padrões de racionalidade dos paradigmas teóricos normativos em suas plataformas “neutras”, assépticas e homogêneas. Para a autora, a produção horizontal do conhecimento, que passa pela ampliação do entendimento de diálogo, só é possível por meio de uma linguagem que possibilite outras formas de nomear (CORONA BERKIN, 2019).

A inserção da escritura no plano ético-político como princípio da política de narratividade da desmontagem exige acionar o imperativo de transformação social nas distintas camadas da pesquisa: assim, descolonizar as pesquisas e práticas acadêmicas – admitindo a violência e a marginalização marcadas em seus padrões e processos (KILOMBA, 2019) – é, além de adotar teorias, interlocutoras(es), metodologias outras, também instaurar linguagens que desmontem a estrutura instrumentalizadora, informacional, *objetiva*, branca e masculina da escrita acadêmica.

Reconhecer que através da língua nós tocamos uns nos outros parece particularmente difícil numa sociedade que gostaria de nos fazer crer que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é marca de inferioridade; pois dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, as ideias são sempre mais importantes que a língua.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

VIII ENECIÊNCIAS 2024

Para curar a cisão entre mente e corpo, nós, povos marginalizados e oprimidos, tentamos resgatar a nós mesmos e às nossas experiências através da língua. Procuramos criar um espaço de intimidade. [...] Tomamos a linguagem do opressor e voltamo-la contra si mesma. Fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, libertando-nos por meio da língua (HOOKS, 2013, p. 233).

A escritora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense bell hooks aponta para a (tão ambicionada) dissolução da dicotomia cartesiana entre corpo e mente no sentido de fecundar linguagens que toquem, que produzam, no encontro, um espaço de intimidade, escritas grávidas, ávidas de contato, de contágio. A autora defende que o objetivismo característico da *cultura do dominador* (HOOKS, 2021) desumaniza, enquanto a produção de afetação gera engajamento e, potencialmente, transformação social.

“Era preciso consertar as palavras, assim como era preciso consertar, arrumar a vida e o mundo.” (EVARISTO, 2023, p. 12), insiste a *escreviente* Conceição Evaristo ao *retercer* a Macabéa de Clarice Lispector, rearranjando seu passado e o futuro que pareciam determinados à personagem e à expressão viva que há dela no mundo. Macabéas viventes à margem do mundo, da história, do narrado. Quando, na política de narrativa cartográfica, planteia-se que a forma dê lugar às forças que nela habitam, é desse rearranjo dos fatos-dados-histórias que estamos tratando, escritas desacostumadas e moventes, que desterritorializem o óbvio e abram alas à resignificação da pesquisa, em seu fazer-narrar, em seus critérios, parâmetros, métodos, conceitos, mas especialmente em suas possibilidades de transformar, descolonizar, de colocar-se a serviço dum mundo outro.

Assim, refletir políticas de narrativa vem a ser arquitetar *escritas-agências* que, por meio de conceitos, relatos, confissões, denúncias, políticas, éticas, cavem a desmontagem do aparelho colonial, desassosseguem, desterritorializem. Escritas que busquem desviar dos dualismos, hierarquizações e da arrogância da lógica normativa, da afirmação de

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

VIII ENECIÊNCIAS 2024

verdades e do convencimento – palavras que libertem e façam-libertar das vias que desembocam em princípios de doutrinação, tão cara ao exercício da dominação e da sujeição. Como nos inspira o escritor e militante angolano Manuel Rui, é preciso semear o *texto-gesto*, o *texto-dança*, o *texto-ritual*: “Escrever então é viver. Escrever assim é lutar.” (RUI, 1987, s/p).

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, v. 01, p. 150-171.

BARTHES, Roland. Da ciência à literatura. In: **O Rumor da Língua**. Martins Fontes. São Paulo, 1988.

CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Redes de saberes: pensamento interdisciplinar. **Periferia**, vol. 10, núm. 1, 2018, Janeiro-Junho, pp. 16-30.

CORONA BERKIN, Sarah. **Producción horizontal del conocimiento**. 1ª ed. Guadalajara: - Publicado en asociación con: Centro Maria Sibylla Merian de Estudios Latinoamericanos Avanzados (CALAS) / Coeditorial: FLACSO Ecuador Grupo editorial: Editorial Universidad de Guadalajara. 2019. Disponible en: 10.32870/9786075476681.

COSTA, Alyne de C. Negacionistas são os outros. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 15, 2021, p. 64-73.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?**: e outras interinvenções. São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

DESCARTES, René (1636). **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2.ª ed., 1996. Cap. 4 e p. 69.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, v. 01, p. 92-108.

EVARISTO, Conceição. **Macabéa**: flor de mulungu. Ilustrações Luciana Nabuco. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

VIII ENECIÊNCIAS 2024

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2017.

GÓMEZ, Luis Fernando; RÍOS-OSORIO, Leonardo. Las bases epistemológicas de la ciencia moderna convencional. **Revista Colombiana de Filosofía de la Ciencia**. Universidad El Bosque. Bogotá, Colombia, vol. 14, núm. 29, pp. 33-55, julio-diciembre, 2014.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Rev. Sociedade e Estado**. Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, Abr. 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. WMF Martins fontes, 2013.

_____. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Trad. Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, mar./abr.2002.

LATOURETTE, Bruno. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.29, n.46, p.173-204, jan.-jun.2020.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Digital Source, s/d.

PASSOS, Eduardo; BENVENIDES, Regina. Por uma política de narratividade. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, v. 01, p. 150-171.

RIBEIRO, Élide Santos. **A verdade, o erro-acerto e as metas na ciência hegemônica: (re)invenções com professoras em formação**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

RUI, Manuel. Eu e o outro – o invasor (ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto). In: MEDINA, Cremilda. **Sonha, Mama África**. São Paulo: Epopeia, 1987.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:

